

43.

IGREJA DO SALVADOR DE TABUADO



Rua da Igreja
Tabuado
Marco de Canaveses



41° 11' 9.51" N
8° 7' 11.54" O



918 116 488



Sáb. 18h45
Dom. 8h



Divino Salvador
6 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1944



P. 25



P. 25



x

Contrariamente ao que sucede com as igrejas do vale do Douro, a Igreja de Tabuado foi construída paralelamente ao seu pendor, cumprindo a orientação canónica que era de regra na Idade Média. Localizada num planalto entre os rios Ovelha, Galinhas e Lardosa, nos contrafortes da serra da Aboboreira, esta Igreja foi erguida num território cuja toponímia “tabuado” pode provir de “tábua”, expressão corrente na Idade Média para designar a madeira destinada à construção. A ela associa-se o nome de diversas famílias locais a quem coube o direito de padroado: Farias, Montenegros, Sousas, Correias, Barros e os senhores da Casa de Novões.

Embora as referências documentais disponíveis atestem a existência de um ou dois templos em Tabuado (um consagrado a Santa Maria e outro ao Salvador), cuja fundação é anterior a 1131, a verdade é que os testemunhos arquitetónicos remanescentes nesta Igreja do Salvador falam-nos de uma cronologia mais recente e que deve ser posicionada já a partir de meados do século XIII, conforme nos indica a rosácea protogótica da fachada principal e os elementos estilísticos que nos mostram um flagrante paralelismo com a estética do Mos-

A IMPLANTAÇÃO DE UMA IGREJA MEDIEVAL

A Igreja de Tabuado enquadra-se num modelo de implantação eclesial muito comum na Idade Média que obedece a lógicas nem sempre compreendidas posteriormente. O estudo da propriedade à época da edificação fornecer-nos-ia elementos importantes para apurar das razões que levaram à edificação de muitas das igrejas no período medieval. Se, no caso de algumas igrejas monásticas, podemos estar perante o testemunho do fenómeno eremítico, depois devidamente formatado às orientações eclesiásticas, no caso dos edifícios eclesiais, cujo padroado permanecerá na mão de leigos (subsistência do modelo de igreja própria ou familiar), podemos estar perante a herança da intervenção individual ou linhagística na paisagem em construção no período pós-Reconquista. Em todo o caso, a sua permanência tornou-se o eixo espiritual, social, económico e cultural que definirá a paisagem e o urbanismo dos séculos seguintes.

teiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), integrando-se assim na família das igrejas onde o chamado “românico nacionalizado” se afirmou com maior expressão e de que a geograficamente próxima Igreja de Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses) (p. 168) também é exemplo.

O portal principal destaca-se pela qualidade da sua conceção: ao tímpano apoiado sobre mísulas em forma de cabeças de bovídeos, ao talhe a bisel dos seus capitéis, ao desenho do seu arco envolvente (formando rede de losangos), elementos que o aproximam seguramente do portal



O "ROMÂNICO NACIONALIZADO"

Integram o chamado "românico nacionalizado" um conjunto de edifícios que, erguidos em torno da estética que primeiramente se afirmou em Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), apresentam uma série de características comuns: cronologia tardia (século XIII), a composição dos portais, o uso das arcaturas como suporte das cornijas, a quase nula intervenção da figura humana ao nível da representação escultórica e o caráter erudito da plasticidade dos ornamentos esculpidos, primando pelo talhe a bisel.

O "românico nacionalizado" resulta da conjugação de diversas influências (provindas das regiões de Coimbra e do Porto), algumas delas de origem estrangeira, com as preexistências locais, o que permitiu criar uma linguagem plástica muito peculiar e muito circunscrita à bacia do Sousa, não obstante o facto de se estender a outras áreas geográficas próximas.

principal do Mosteiro de Paço de Sousa, acrescentam-se as pérolas (motivo recorrente no românico das bacias do Tâmega e Sousa) que ornaram as suas arquivoltas toreadas, já quebradas. No portal sul vemos repetir-se o talhe a bisel nos motivos vegetalistas dos capitéis e a modenatura toreada nas arquivoltas.

Impõe-se, desde logo, ao olhar o campanário que com a fachada principal cria um eixo perpendicular. Composto por maciço bloco de granito, encimado por campanário para abrigo de dois sinos, a partir de norte apresenta-se-nos com o aspeto quase de uma torre defensiva, forte e maciça, na sua grossa silharia.



No corpo da nave e ao nível do arco cruzeiro persistem dois contrafortes. Cremos que a sua existência se justifica tendo em conta o caráter maciço da massa murária que o envolve e que ao longo das naves apenas foi quebrada por estreitas frestas para iluminação do interior. O diâmetro do arco, relativamente à amplitude da nave, resguarda o espaço da capela-mor, que na época românica se queria intimista e reservado ao olhar dos fiéis.

Também o interior do edifício acusa o mesmo caráter simples da arquitetura e a mesma severidade da ornamentação exterior. O granito aparente da nave apenas é animado por um embasamento, em cantaria, e por uma cornija de tríplice moldura, numa posição elevada. Da época românica, o que mais se destaca é o arco triunfal, cujo arranjo é muito original, apresentando-se ao modo de portal: duas arquivoltas de arco quebrado são envolvidas por um friso onde se desenha uma

dos e denticulados. As arquivoltas assentam sobre duas colunas, sendo as impostas ornadas com dentes de serra e círculos encadeados. Do lado do Evangelho, os capitéis compõem-se um com aves que entrelaçam os pescoços e um outro com a figuração de um homem preso ao cesto do capitel por uma corda, enquanto, do lado da Epístola, vemos a tão comum temática dos quadrúpedes afrontados e unicéfalos e uma ave de grandes dimensões.

Deve-se recordar que o aspeto purista do interior da Igreja deriva de uma profunda intervenção de restauro realizada ao longo da década de 1960 e que, na vontade de devolver a esta Igreja uma pretensa pureza medieval, retirou-lhe significativos testemunhos artísticos e litúrgicos que lhe foram sendo apostos ao longo da história. Destes destacam-se os retábulos que foram eliminados. Só as fontes documentais e registos fotográficos antigos nos dão uma ideia de como era o interior da Igreja em tempos anteriores ao restauro.

AS INTERVENÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Numa crónica assinada pelo padre Afonso Ribeiro Moreira, datada de 1964 e publicada num jornal de grande divulgação, foram revelados dois aspetos surpreendentes da fábrica atual de Tabuado e que desde logo nos levam a ponderar até que ponto o românico que conhecemos deriva das intervenções de restauro realizadas nos séculos XIX e XX. Assim sendo, as três cruzes terminais "floridas, que coroam as empenas foram feitas pelo canteiro de São Martinho de Aliviada [Marco de Canaveses], Jerónimo Marinho, e foram desenhadas pelo próprio pároco, num cartão, escolhendo entre os vários modelos de cruzes que «A Arte Românica» de Marques Abreu [1918] trazia o que mais lhe agradaram pela simplicidade". Já os capitéis do arco cruzeiro e o estribo que segue até ao canto, ou seja, o prolongamento da imposta sob a forma de friso, "foram compostos em cimento pelo exímio artista Miguel de Sousa". Este trabalho de restauro, terminado a 17 de janeiro de 1925, foi feito em apenas 11 dias.

Quando a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais começou a intervenção de restauro e conservação da Igreja de Tabuado, cerca de 25 anos mais tarde, os retábulos estavam já encostados às paredes laterais da nave. Estes testemunhos são fundamentais para a legibilidade desta Igreja românica, mas atestam, acima de tudo, a importância que o estudo do restauro e da conservação do património edificado tem para a compreensão do nosso património românico, dele indissociável.

Mas foi durante esta profunda intervenção que se descobriu a única pintura mural remanescente nesta Igreja, na parede fundeira da abside, ainda muito bem conservada. Na área central, sob um abobadamento de nervuras, surge a imagem de *Cristo Salvador*, entronizado numa cadeira de espaldar com dossel franjado, a figura do *Pantocrator*. Esta representação do Cristo-Juiz é ladeada, ao modo de *Sacra Conversazione*, por *São João Baptista*, o Precursor, que aponta na direção do Salvador com a mão direita, e por *São Tiago*, representado como peregrino, ostentan-

do no chapéu uma vieira e segurando na mão esquerda o bastão de caminhante. Tendo como fundo um registo vermelho pontuado por flores-de-lis e rosas, estas três imagens surgem enquadradas por um abobadamento de nervuras. As zonas laterais são ocupadas por um padrão decorativo de caráter geométrico, uma espécie de grinalda de losangos. Realizada nos inícios do século XVI, a pintura mural de Tabuado é um exemplar único, pois não se conhece qualquer outra obra realizada pela mesma oficina que a concebeu.

